

*Eu, porém, vos digo: Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.*

Mateus  
5:44

## **Na senda do Cristo<sup>46</sup>**

O caminho de Jesus é de vitória da luz sobre as trevas e, por isso mesmo, repleto de obstáculos a vencer.

Senda de espinhos gerando flores, calvário e cruz indicando ressurreição...

O próprio Mestre, desde o início do apostolado, desvenda às criaturas o roteiro da elevação pelo sacrifício.

Sofre, renunciando ao divino esplendor do Céu, para acomodar-se à sombra terrestre na estrebaria.

Experimenta a incompreensão de sua época.

Auxilia sem paga.

Serve sem recompensa.

Padece a desconfiança dos mais amados.

Depois de oferecer sublime espetáculo de abnegação e grandeza, é içado ao madeiro por malfeitor comum.

Ainda assim, perdoa aos verdugos, olvida as ofensas e volta do túmulo para ajudar.

Todos os seus companheiros de ministério, restaurados na confiança, testemunharam a Boa Nova, atravessando dificuldade e luta, martírio e flagelação.

Inúteis, desse modo, nos círculos de nossa fé, os petitórios de protecionismo e vantagens inferiores.

Ressurgindo no Espiritismo, o Evangelho faz-nos sentir que tornamos à carne para regenerar e reaprender.

Com o corpo físico, retomamos nossos débitos, nossas deficiências, nossas fraquezas e nossas aversões...

E não superaremos os entraves da própria liberação, providenciando ajuste inadequado com os nossos desejos inconsequentes.

Acusar, reclamar, queixar-se, não são verbos conjugáveis no campo de nossos princípios.

Disse-nos o Senhor — “Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.”

Isso não quer dizer que devamos ajoelhar em pranto de penitência ao pé de nossos adversários, mas sim que nos compete viver de tal modo que eles se sintam auxiliados por nossa atitude e por nosso exemplo, renovando-se para o bem, de vez que, enquanto houver crime e sofrimento, ignorância e miséria no mundo, não podemos encontrar sobre a Terra a luz do reino do Céu.

(*Reformador*, ago. 1957, p. 186)

## Imunização espiritual

Temos, efetivamente, duas classes de adversários, aqueles que não concordam conosco e aqueles outros que suscitamos com a nossa própria cultura de intolerância.

Os primeiros são inevitáveis. Repontam da área de todas as existências, mormente quando a criatura se encaminha para diante nas trilhas de elevação.

Nem Jesus viveu ou vive sem eles.

Os segundos, porém, são aqueles cujo aparecimento podemos e devemos evitar. Para isso, enumeremos alguns dos prejuízos que angariaremos, na certa, criando aversões em nosso caminho:

- focos de vibrações contundentes;
- centros de oposição sistemática;
- ameaças silenciosas;
- portas fechadas ao concurso espontâneo;
- opiniões quase sempre tendenciosas, a nosso respeito;
- suspeitas injustificáveis;
- propósitos de desforço;
- antipatias gratuitas;
- prevenções e sarcasmos;
- aborrecimentos;

sombrias de espírito.

Qualquer das parcelas relacionadas nesta lista de desvantagens bastaria para amargurar larga faixa de nossa vida, aniquilando-nos possibilidades preciosas ou reduzindo-nos eficiência, tranquilidade, realização e alegria de viver.

Fácil inferir que apenas lesamos a nós mesmos, fazendo adversários, tanto quanto é muito importante saber tolerá-los e respeitá-los, sempre que surjam contra nós.

Compreendemos, assim, que quando Jesus nos recomendou amar os inimigos estava muito longe de induzir-nos à conivência com o mal, e sim nos entregava a fórmula ideal do equilíbrio com a paz da imunização.

(Ceifa de luz. Ed. FEB. Cap. 48)

## No plano dos inimigos<sup>47</sup>

O ofensor apareceu diante de ti, à maneira de um teste de aprimoramento

moral.

Injuriou-te o nome.

Zombou-te dos brios.

Gritou-te ameaças.

Golpeou-te os sentimentos.

Desafiou-te a capacidade de tolerância.

Apedrejou-te os ideais.

Escarneceu-te dos propósitos.

Torturou-te o pensamento.

Disse Jesus: “Ama os teus inimigos”, mas não recomendou que os tomássemos por modelos de serviço e conduta, quando os nossos opositores se afeiçoem ao mal.

Mentaliza um homem estirado no charco. É razoável lhe estendas a mão, no fito de socorrê-lo; entretanto, nada justifica te afundes, por isso, conscientemente no barro.

É preciso salvar as vítimas do incêndio, mas a vida não te pede o mergulho desamparado nas chamas.

O adversário é sempre alguém digno do auxílio ao nosso alcance, mas nem sempre, com desculpa de amor, devemos fazer aquilo que ele estima fazer.

(Reformador, fev. 1965, p. 26)

## Razões para o amor aos inimigos<sup>48</sup>

Os inimigos, queiramos ou não, são filhos de Deus como nós e, consequentemente, nossos irmãos, para quem Deus providenciará recursos e caminhos, dentro da mesma bondade com que age em nosso favor.

Temos muito a dever aos amigos pelos estímulos com que nos asseguram êxito na vida, mas não podemos esquecer que devemos bastante aos nossos inimigos pelas oportunidades que nos proporcionam, no sentido de retificarmos os próprios erros.

O adversário é mais propriamente aquele que sulca a nossa alma, à feição do lavrador que cava na terra, a fim de que produzamos na seara do bem.

O amor pelos inimigos dar-nos-á excelentes recursos contra o desajuste circulatório, a neurose, a loucura ou a úlcera gástrica, sempre que estejamos em tarefa no corpo físico.

Orando em benefício dos que nos ferem, evitamos maiores perturbações em torno de nós mesmos.

Uma atitude respeitosa para com os adversários nunca nos rouba tempo ao serviço.

Amando os inimigos e entregando-nos sinceramente ao juízo de Deus, com as melhores vibrações de fraternidade, eliminamos noventa por cento dos motivos de aflição e aborrecimento.

Abençoando em silêncio os que nos criticam ou golpeiam, protegemos com mais segurança os interesses do trabalho que a Providência divina nos concedeu.

A serenidade e o apreço para com os inimigos são os melhores antídotos para que as preocupações com eles não nos destruam.

O amor pelos inimigos não nos rouba a paz da consciência, na hipótese de serem malfeiteiros confessos, porque, quando Jesus nos diz “ide e reconciliai-vos com o adversário”, ele nos ensina a fazer paz em nossas relações, como não é justo privar de tranquilidade uma criança ou um doente, mas, em trecho algum do Evangelho, Jesus nos recomenda cooperar com eles.

(*Reformador*, jun. 1966, p. 122)

## Motivos para socorro aos maus<sup>49</sup>

Todos aqueles espíritos interpretados como sendo maus, são irmãos nossos — criaturas do Criador, quanto nós mesmos — credores de auxílio e consideração.

A maldade, em muitos casos, provém da ignorância que compele o ser a comportamento infeliz, reclamando assistência educativa.

Às vezes, a crueldade não é senão doença catalogável na patologia da mente, agravada, em muitas ocasiões,

por influência obsessiva, solicitando ajuda curativa ao invés de punição.

Muitos criminosos são companheiros que não resistiram às tentações trazidas de existências passadas, incursos em faltas das quais somos passíveis, em nossa atual posição de consciências endividadas perante a Lei.

O malfeitor, no cárcere ou em cumprimento da pena que lhe foi cominada, é semelhante ao enfermo no hospital ou em tratamento adequado, requerendo compreensão e apoio fraternal.

Ninguém experimenta alegria, ante as vítimas do mal, como ninguém sente prazer diante do vizinho que a moléstia perturba, mas, assim como o doente do corpo exige medicação, o doente da alma requisita socorro.

Tanto quanto não será possível prever a extensão do incêndio, sem medidas que o combatam, ninguém pode acautelar-se contra o alastramento do mal, sem a colaboração do bem que o elimine.

Quando a pessoa conhece as próprias responsabilidades e pratica o mal mesmo assim, entreguemo-la a si mesma, convencidos de que essa pessoa carregará no subconsciente a dor da culpa, até que se liberte, pelo sofrimento, da sombra em que se envolveu.

Situemo-nos em lugar dos nossos irmãos caídos e verificaremos que eles precisam muito mais de assistência que de censura.

Quando as circunstâncias nos impeçam o abraço fraternal imediato aos que nos feriram, não nos esqueçamos de que, ainda assim, ser-nos-á possível auxiliá-los sempre, através da oração.

(*Reformador*, jun. 1966, p. 122)

## Oposições<sup>29</sup>

Imperioso modifiques a própria conceituação, em torno do adversário, a fim de que se te apague da mente, em definitivo, o fogo da aversão.

Isso porque o suposto ofensor pode ser alguém:

que age sob a compulsão de grave processo obsessivo;

que se encontra sob o guante da enfermidade e, por isso, inabilitado a comportar-se corretamente;

que experimenta deploráveis enganos e se acomoda na insensatez;

que não pode enxergar a vida no ângulo em que a observas.

E que nenhum de nós encontre motivos para lhe reprovar o desajuste, porquanto nós todos somos ainda suscetíveis de incorrer em falhas lamentáveis, como sejam:

cair sob a influência perturbadora de criaturas a quem dediquemos afeição sem o necessário equilíbrio;

iludir-nos a nosso próprio respeito quando, não pratiquemos o regime salutar da autocritica;

entrar em calamitoso desequilíbrio por

efeito de capricho momentâneo;

assumir atitudes menos felizes por deficiência de evolução, à frente de companheiros em posição mais elevadas que a nossa.

Em síntese, para sermos desculpados, é preciso desculpar.

Reflitamos na absoluta impropriedade de qualquer ressentimento e recordemos a advertência de Jesus, quando nos recomendou a oração pelos que nos perseguem. O Mestre, na essência, não nos impelia tão só a beneficiar os que nos firam, mas igualmente a proteger a sanidade mental do grupo, em que fomos chamados a atuar e servir, imunizando os companheiros, relativamente ao contágio da mágoa, e frustrando a epidemia da queixa, sustentando a tranquilidade e a confiança dos outros, tanto no amparo a eles quanto a nós.

(*Reformador*, set. 1969, p. 197)

## Credores diferentes

O problema do inimigo sempre merece estudos mais acurados.

Certo, ninguém poderá aderir, de pronto, à completa união com o adversário do dia de hoje, como Jesus não pôde rir-se com os perseguidores, no martírio do Calvário.

Entretanto, a advertência do Senhor, conclamando-nos a amar os inimigos, reveste-se de profunda significação em todas as facetas pelas quais a examinemos, mobilizando os instrumentos da análise comum.

Geralmente, somos devedores de altos benefícios a quantos nos perseguem e caluniam; constituem os instrumentos que nos trabalham a individualidade, compelindo-nos a renovações de elevado alcance que raramente compreendemos nos instantes mais graves da experiência. São eles que nos indicam as fraquezas, as deficiências e as necessidades a serem atendidas na tarefa que estamos executando.

Os amigos, em muitas ocasiões, são

imprevidentes companheiros, porquanto contemporizam com o mal; os adversários, porém, situam-no com vigor.

Pela rudeza do inimigo, o homem comumente se faz rubro e indignado uma só vez, mas, pela complacência dos afeiçoados, torna-se pálido e acabrunhado, vezes sem conta.

Não queremos dizer com isto que a criatura deva cultivar inimizades; no entanto, somos daqueles que reconhecem por beneméritos credores quantos nos proclamam as faltas.

São médicos corajosos que nos facultam corretivo.

É difícil para muita gente, na Terra, a aceitação de semelhante verdade; todavia, chega sempre um instante em que entendemos o apelo do Cristo, em sua magna extensão.

(*Vinha de luz*. Ed. FEB. Cap. 41)

## **Ante nossos adversários**

Interpretemos nossos adversários por irmãos, quando não nos seja possível recebê-los por instrutores.

Quando o Senhor nos aconselhou a paz com os inimigos do nosso modo de ser, recomendou-nos certamente o olvido de todo o mal.

Às vezes, fustigando aqueles que nos ofendem, a pretexto de servirmos à verdade, quase sempre faltamos ao nosso dever de amor.

Nem todos podem enxergar a vida por nossos olhos ou aceitar o mapa da jornada terrestre, através da cartilha dos nossos pontos de vista.

E, não raro, em surzindo os outros com o látego de nossa crítica ou intoxicando-os com o vinagre de nosso azedume, procedemos à maneira do lavrador que enlouquecesse, repentinamente, espalhando cáusticos destruidores sobre a plantaçāo nascente, necessitada de auxílio pela fragilidade natural.

Claro que o amor fraterno encontra mil

modos diversos para fazer-se sentir, no reajuste das situações difíceis no caminho da vida, e é justamente para a verdadeira solidariedade que deveremos apelar em qualquer circunstância obscura do roteiro comum.

Se não apagamos o incêndio, atirando-lhe combustível, e se não podemos sanar feridas, alargando-lhe as bordas, a golpes de força, também não entraremos em harmonia com os nossos adversários por intermédio da violência.

Usemos o amor que o Mestre nos legou, se desejamos a paz na Vida maior.

Ajudemos aos que nos ofendem.

Oremos pelos que nos perseguem ou caluniam.

Amparemos os que nos perturbam.

Sejamos o apoio dos companheiros mais fracos.

E o divino Senhor da Vinha do Mundo, que nos aconselhou o livre crescimento do joio e do trigo, no campo da

Terra, em momento oportuno se fará revelar, amparando-nos e selecionando os nossos sentimentos, através do seu justo julgamento.

(*Reformador*, jan. 1953, p. 13)

## **Amando os inimigos**<sup>2</sup>

Sem liberdade é impossível avançar nas trilhas da evolução, mas fora do entendimento que nasce do amor ninguém se emancipa nos caminhos da própria alma.

Seja onde seja e seja com quem for, deixa que a simpatia e a compreensão se te irradiem do ser.

Em qualquer parte onde palpite a vida, eis que a vida para crescer e aperfeiçoar-se roga o alimento do amor tanto quanto pede a presença da luz.

De muitos recebes o apoio da bondade e outros muitos aguardam de ti semelhante auxílio.

Da faixa dos benfeiteiros recolhes a

bênção para transmiti-la na direção dos que te não aceitam ou desajudam.

Nessa diretriz os adversários, quaisquer que eles sejam, nunca te prenderão a desespero ou ressentimento.

Se surgem e atacam, abençoa-os com a justificativa fraterna ou com o pronto-socorro da oração. Entretanto, pensa, acima de tudo, na condição lastimável em que se colocam e compadece-te em silêncio.

Esse, por enquanto, não consegue desalojar-se do ergástulo da opinião individual; aquele acomoda-se no azedume sistemático; outro descambou para equívocos dos quais, por agora, não sabe afastar-se; aquele outro sofre sob a hipnose da obsessão; e aquele outro ainda está doente e exigirá tempo longo, a fim de recuperar-se.

Entregarmo-nos à mágoa diante dos que perseguem e caluniam, é o mesmo que nos ajustarmos voluntariamente à onda de perturbação a que encadeiam.

Sob o granizo da ignorância ou da

incompreensão, segue trabalhando, a servir sempre.

Observa os inimigos do bem e os agressores da renovação, e, em lhes percebendo a sombra, condoer-te-ás de todos eles.

Faze isso e, sempre que te pretendam agrilhoar ao desequilíbrio, a compaixão te libertará.

(*Reformador*, set. 1973, p. 269)

## Motivos para desculpar

(*Mais perto. Ed. GEEM. Cap. "Motivos para desculpar"*)<sup>53</sup>

## Ante os adversários

É possível encontres alguns adversários nas melhores realizações a que te entregas.

Se isso acontece, habitualmente estás diante de uma pessoa desinformada ou doente que te recebe com evidentes

demonstrações de desapreço.

E quando esse alguém não consegue asserenar-te o campo íntimo a certas reações negativas, por vezes, alteia a voz e se faz mais inconveniente nas provocações.

De qualquer modo, tolera o opositor com paciência e serenidade.

Ouve-lhe as frases ásperas em silêncio e reflete no desgosto ou na enfermidade em que provavelmente se encontre.

Quanto haverá sofrido a criatura, até que se obrigue a trazer o coração simbolicamente transformado num vaso de fel?

Anota por ti mesmo que todos aqueles que ferem estarão talvez feridos.

Age à frente dos inimigos de teus ideais ou de teus pontos de vista, com entendimento e tolerância.

Advertiu-nos o divino Mestre: “Ora por aqueles que te perseguem ou caluniam”.

O Cristo nunca nos exortou ao revide ou à discussão sem proveito.

Induziu-nos a orar por todos os adversários ou acusadores gratuitos, dando-nos a entender que eles todos já carregam consigo sofrimento bastante, sem que necessitemos agravar-lhes as tribulações. E ainda mesmo que estejam semelhantes companheiros agindo de maneira insincera, saibamos confiá-los ao tempo, de vez que, para que se lhes reajuste os mais íntimos sentimentos, bastar-lhes-á viver.

(*Convivência*. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 13)

## Traços do inimigo

Quando Jesus nos exortou ao amor pelos inimigos, indicou-nos valioso trabalho imunológico em favor de nós mesmos.

Se trazes a consciência tranquila, diante da criatura que, acaso, te injurie, estarás na mira de uma pessoa evidentemente necessitada de compreensão e de auxílio espiritual.

O adversário gratuito pode estar

desinformado a teu respeito e, por isso, reclama esclarecimento e não represália.

Talvez esteja experimentando certa inveja dos recursos de que dispões e, em vista disso, necessitará de caridade e silêncio para que não seja induzido ao desespero.

Sofrerá provavelmente de miopia espiritual, diante dos objetivos superiores pelos quais te orientas e, por essa razão, aguarda tolerância, até que o entendimento se lhe amadureça.

Será possivelmente um candidato à luta competitiva com os teus esforços em realização determinada e, por isso, reclama respeito para que não caia em perdas de vulto.

Repontará do cotidiano por alguém intentando fazer a tarefa de que te incumbes e, por semelhante motivo, merece vibrações de paz, a fim de que encontre encargos idênticos aos teus.

Por fim, talvez surja na condição de doente da alma, sob a influência

de obsessões ocultas e, em vista disso, precisará de compaixão.

Jesus conhecia esses lances de desequilíbrio da personalidade humana e, naturalmente, nos impulsiona ao perdão e à prece, em auxílio de quantos se nos façam agressores.

É que não adianta passar recibos ao mal, de vez que estariamos ambientando em nós mesmos, as dificuldades e deficiências dos nossos perseguidores.

Amar aos inimigos será abençoá-los, desejando-lhes a tranquilidade de que carecem, livrando-nos, antecipadamente, de quaisquer entraves com que nos desejem marcar o caminho.

Abençoar aos que nos insultem ou maltratem é o melhor processo de entregá-los ao mundo deles próprios, sustentando-nos em paz, ante as bênçãos das Leis de Deus.

(Amigo. Ed. Cultura Espírita União. Cap. 17)

**Tolerância e coerência**

Compreender e desculpar sempre, porque todos necessitamos de compreensão e desculpa, nas horas do desacerto, mas observar a coerência para que os diques da tolerância não se esbarroiem, corroídos pela displicência sistemática, patrocinando a desordem.

Disse Jesus: "Amai os vossos inimigos".

E o Senhor ensinou-nos realmente a amá-los, através dos seus próprios exemplos de humildade sem servilismo e de lealdade sem arrogância.

Ele sabia que Judas, o discípulo incauto, bandeava-se, pouco a pouco, para a esfera dos adversários que lhe combatiam a mensagem renovadora...

A pretexto de amar os inimigos, ser-lhe-ia lícito afastá-lo da pequena comunidade, a fim de preservá-la, mas preferiu estender-lhe mãos fraternas, até a última crise de deserção, ensinando-nos o dever de auxiliar aos companheiros de tarefa, na prática do bem, enquanto isso se nos tornasse possível.

Não ignorava que os supervisores do

Sinédrio lhe tramavam a perda...

A pretexto de amar os inimigos, poderia solicitar-lhes encontros cordiais para a discussão de política doméstica, promovendo recuos e concessões, de maneira a poupar complicações aos próprios amigos, mas preferiu suportar-lhes a perseguição gratuita, ensinando-nos que não se deve contender, em matéria de orientação espiritual, com pessoas cultas e conscientes, plenamente informadas, quanto às obrigações que a responsabilidade do conhecimento superior lhes preceitua.

Certificara-se de que Pilatos, o juiz dúvida, agia, inconsiderado...

A pretexto de amar os inimigos, não lhe seria difícil recorrer à justiça de instância mais elevada, mas preferiu aguentar-lhe a sentença iníqua, ensinando-nos que a atitude de todos aqueles que procuram sinceramente a verdade não comporta evasivas.

Percebria, no sacrifício supremo, que a

multidão se desvairava...

A pretexto de amar os inimigos, era perfeitamente cabível que alegasse a extensão dos serviços prestados, pedindo a comiseração pública, a fim de que se lhe não golpeasse a obra nascente, mas preferiu silenciar e partir, invocando o perdão da Providência divina para os próprios verdugos, ensinando-nos que é preciso abençoar os que nos firam e orar por eles, sem, contudo, premiar-lhes a leviandade para que a leviandade não alegue crescimento com o nosso apoio.

Jesus entendeu a todos, beneficiou a todos, socorreu a todos e esclareceu a todos, demonstrando-nos que a caridade, expressando amor puro, é semelhante ao sol que abraça a todos, mas não transigiu com o mal.

Isso quer dizer que fora da caridade não há tolerância e que não há tolerância sem coerência.

(*Opinião espírita*. Ed. Boa Nova. Cap. 32)

## Necessitados difíceis

Em muitas circunstâncias na Terra, interpretamos as horas escuras como sendo unicamente aquelas em que a aflição nos atenaza a existência, em forma de tristeza, abandono, enfermidade, privação...

O espírita, porém, sabe que subsistem outras, piores talvez... Não ignora que aparecem dias mascarados de felicidade aparente, em que o sentimento anestesiado pela ilusão se rende à sombra.

Tempos em que os companheiros enganados se julgam certos...

Ocasiões em que os irmãos saciados de reconforto sentem fome de luz e não sabem disso...

Nem sempre estarão eles na berlinda, guindados, à evidência pública ou social, sob sentenças exprobratórias ou incenso louvaminheiro da multidão...

Às vezes, renteiam conosco em casa ou na vizinhança, no trabalho ou no estudo, no

roteiro ou no ideal... O espírita consciente reconhece que são eles os necessitados difíceis das horas escuras. Em muitos lances da estrada, vê-se obrigado a comungar-lhes a presença, a partilhar-lhes a atividade, a ouvi-los e a obedecê-los, até o ponto em que o dever funcional ou o compromisso doméstico lhe preceituem determinadas obrigações.

Entretanto, observa que para lhes ser útil, não lhe será lícito efetivamente aplaudí-los, à maneira do caçador que finge ternura à frente da presa, a fim de esmagá-la com mais segurança.

Como, porém, exercer a solidariedade, diante deles? — perguntarás. — Como menosprezá-los se carecem de apoio?

Precisamos, no entanto, verificar que, em muitos requisitos do concurso real, socorrer não será sorrir.

Todos conseguimos doar cooperação fraternal aos necessitados difíceis das horas escuras, seja silenciando ouclareando situações, nas medidas do

entendimento evangélico, sem destruir-lhes a possibilidade de aprender, crescer, melhorar e servir, aproveitando os talentos da vida, no encargo que desempenham e na tarefa que o Mestre lhes confiou. Mesmo quando se nos façam adversários gratuitos, podemos auxiliá-los...

Jesus não nos recomendou festejar os que nos apedrejam a consciência tranquila e nem nos ensinou a arrasá-los. Mas, ciente de que não nos é possível concordar com eles e nem tampouco odiá-los, exortou-nos claramente: “amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem e caluniam!”...

É assim que a todos os necessitados difíceis das horas escuras, aos quais não nos é facultado estender os braços de pronto, podemos amar em espírito, amparando-lhes o caminho, através da oração.

(*Opinião espírita. Ed. Boa Nova. Cap. 36*)

**Inimigos que não devemos acalentar**

Defende o mundo íntimo contra aqueles adversários ocultos que não devemos acalentar.

Decerto, dói-te a ofensa do agressor que te não percebe as intenções elevadas, contudo, a intolerância, a asilar-se por escorpião venenoso, em teu pensamento, é o inimigo terrível que te induz às trevas abismais da vingança.

Indubitavelmente, a crítica impensada do irmão que te menoscaba os propósitos sadios dilacera-te a sensibilidade, espancando-te a alegria, entretanto, a vaidade, a enrodilhar-se no teu coração por víbora peçonhenta, é o inimigo lamentável que te inclina à inutilidade e ao desânimo.

Em verdade, a calúnia do amigo perturbado lança fogo ao santuário de teus ideais, subtraindo-te a confiança, todavia, a crueldade que se refugia em teu ser por tigre invisível de intemperança e discordia é o inimigo perigoso que te sugere a adesão ao crime.

Efetivamente, o desprezo que te foi

lançado em rosto pelo companheiro infeliz é golpe mortal abrindo-te chagas de aflição nos tecidos sutis da alma, no entanto, o egoísmo a ocultar-se em teu peito por chacal intangível de ignorância e ferocidade, é o inimigo temível que te arroja à frustação.

Não são os flagelos do mundo exterior os elementos que nos deprimem, mas sim os opositores ocultos, conhecidos pelos mais diversos nomes, quais sejam orgulho e maldade, tristeza e preguiça, desespero e ingratidão, que perseveram conosco.

Amemos aos inimigos externos que nos desafiam à prática do bem, ao exercício da renúncia, ao trabalho da paciência e à realização da caridade, mas tenhamos cautela contra os sicários escondidos em nós mesmos que, expressando sentimentos indignos de nosso conhecimento e de nossa evolução, nos escravizam à angústia, e nos algemam à dor, enclausurando-nos a vida em miséria e perturbação.

(Através do tempo. Ed. LAKE. Cap. 33)

## Desafetos

Amar aos nossos adversários, desde o presente, ofertando-lhes o coração, em forma de tolerância e trabalho, devotamento e ternura, é a fórmula exata para a solução dos grandes problemas que tantas vezes, por invigilância e leviandade, endereçamos, lamentavelmente ao futuro.

Lembremo-nos de que ainda ontem, acalentávamos antipatias e desafetos, cultivando o ódio à feição de serpe no seio.

Recordemos que semelhantes laços de treva algemavam-nos o espírito às largas sendas inferiores, impondo-nos reencarnações difíceis e angustiosas, nos campos de purgação da experiência terrestre.

Enleados a eles, renascemos no mundo e porque se nos retarde o amor, nos testemunhos de paciência e compreensão, somos constrangidos pela Justiça perfeita, a receber-los compulsoriamente nas teias

da consanguinidade, convertendo-se-nos o templo familiar em triste reduto de sofrimento.

É assim que, reinternados, na Terra, quase sempre acolhemos na forma de entes amados velhos inimigos, que se origem, no santuário doméstico, em nossos credores intransigentes.

Surgem por filhos tiranizantes e ingratos, ou parentes invulneráveis ao nosso melhor carinho, obrigando-nos a mais doloroso acerto, porque estruturando em suor e pranto, quando o nosso perdão puro e simples conseguiria fundir a bruma aviltante da crueldade em brisa de esquecimento.

Para que não estejamos amanhã em lares metamorfoseados em pelourinhos, por força dos corações queridos que o resgate transforma em verdugos e inquisidores de nossos dias, saibamos amar, desde hoje, os que nos apedrejam ou firam, atormentem e caluniem, porque, em verdade, o mal é apenas mal para aqueles que o fazem, transmutando-se em bem naqueles que o

recolhem entre a paz do silêncio e a prece da humildade, por saberem que a Vida é sempre a luz de Deus.

(*Através do tempo*. Ed. LAKE. Cap. 41)

## Professores gratuitos<sup>3</sup>

Todas as aquisições guardam o preço que lhes corresponde.

Enquanto na Terra, permutamos sempre, por determinados valores, certas utilidades de que a nossa vida carece.

Compramos o livro que nos ensina, pagamos o ingresso ao parque de diversões, adquirimos o comprimido para a dor de cabeça.

Somos devedores, nas escolas, nos bancos, nos armazéns, nas farmácias.

Por toda parte os recursos ordinários da alimentação e do vestuário exigem nosso esforço na capacidade de alcançá-los.

Em todos os lugares, os instrutores competentes, nessa ou naquela matéria

cultural em que iniciamos a inteligência, reclamam honorários justos.

Pagamos, cada dia, ensinamentos, suprimentos, dívidas e prestações.

E para isso compete-nos trabalhar infatigavelmente, usando o suor, a humildade, a diligência, a iniciativa, a coragem e a renúncia.

Entretanto há uma classe de orientadores que nos trazem os talentos da virtude, sem exigir pagamento. Lecionam paciência e bondade, tolerância e perdão.

Ajudam-nos a edificar o santuário da fé e induzem-nos à vigilância sobre nós mesmos.

Amparam-nos, à distância, com os raios de sua força, mantendo-nos em posição de alerta, no desempenho de nossos deveres.

Constrangem-nos a meditar em nossas próprias necessidades de melhoria íntima e conduzem-nos, sem perceberem, a valiosas experiências de renovação interior.

Esses professores gratuitos são os nossos

adversários.

São realmente aqueles que ainda não nos podem compreender e guiam-nos, por isso mesmo, à perseverança no bem; ou são aqueles que ainda não conseguimos entender e, por isso mesmo, nos conduzem à desistência do mal.

“Amai aos vossos inimigos!” — disse o Mestre.

E repetiremos por nossa vez:

Amemos aqueles que nos contrariam, aproveitando a oportunidade que nos oferecem ao auto-aperfeiçoamento e, sem o ônus do ouro e sem o sacrifício do suor, alcançaremos, por intermédio deles, sublimes talentos espirituais para a vida eterna.

(*Reformador*, set. 1953, p. 201)

## Companheiros difíceis

Companheiros difíceis não são as criaturas que ainda não nos atingiram

a intimidade e sim aquelas outras que se fizeram amar por nós e que, de um momento para outro, modificaram pensamento e conduta, impondo-nos estranheza e inquietação.

Erigiam-se-nos por esteios à fé, socobrando em pesada corrente de tentações... Brilhavam por balizas de luz, à frente da marcha, e apagaram-se na noite das conveniências humanas, impelindo-nos à sombra e à desorientação...

Examinado, porém, o assunto com discernimento e serenidade, seria justo albergarmos pessimismo ou desencanto, simplesmente porque esse ou aquele companheiro haja evidenciado fraquezas humanas, peculiares também a nós? Atentos às realidades do campo evolutivo, em que nos achamos carregando fardos de culpas e débitos, deficiências e necessidades que se nos encravaram nos ombros, em existências passadas, como exigir dos entes amados, que respiram conosco o mesmo nível, a posição dos heróis ou o comportamento dos anjos?

Com isso, não queremos dizer que omissão ou deserção nas criaturas a quem empenhamos confiança e ternura sejam condições naturais para a ação espiritual que nos compete desenvolver, e sim, que, em lhes lastimando as resoluções menos felizes, é imperioso orar por elas na pauta da tolerância fraternal com que devemos abraçar todos aqueles que se nos associam às tarefas da jornada terrestre.

Se Jesus nos recomendou amar os inimigos, que diretriz adotar ante os companheiros que se fizeram difíceis, senão abençoá-los em mais alto grau de entendimento, carecedores como se encontram de mais ampla dedicação? Sem dúvida, eles não podem, em muitas ocasiões, compartilhar conosco, de imediato, as atividades cotidianas, à vista dos compromissos diferentes a que se entregam; entretanto, ser-nos-á possível, no clima do espírito, agradecer-lhes o bem que nos fizeram e o bem que nos possam fazer, endereçando-lhes a mensagem silenciosa de nosso respeito e afeto, encorajamento e gratidão.

Cumprindo semelhante dever, disporremos de suficiente paz interior para seguir adiante, na desincumbência dos encargos que a vida nos confiou. Compreenderemos que se o próprio Senhor nos aceita como somos, suportando-nos as imperfeições e aproveitando-nos em serviço, segundo a nossa capacidade de sermos úteis, é nossa obrigação aceitar os companheiros difíceis como são, esperando por eles, em matéria de elevação ou reajuste, tanto quanto o Senhor tem esperado por nós.

*(Alma e coração. Ed. Pensamento. Cap. 27)*

## **Ofensas e ofensores<sup>11</sup>**

Tão logo apareçam diante de nós quaisquer problemas de injúria, prejuízo, discórdia ou incompreensão, é imperioso observar quão importante para o espírito o estudo das próprias reações a fim de que mágoa não entre em condomínio com as forças que nos habitam a mente.

Ressentir-nos é cortar nos tecidos da própria alma ou acomodar-nos com o veneno que se nos atira, acalentando sofrimento desnecessário ou atraindo a presença da morte. Isso porque, à face da lógica, todas as desvantagens no capítulo das ofensas pesam naqueles que tomam a iniciativa do mal.

O ofensor pode ser a criatura que está sob lastimáveis processos obsessivos, que carrega enfermidades ocultas, que age ao impulso de tremendos enganos, que atravessa a nuvem do chamado momento infeliz, e, quando assim não seja, é alguém que traz a visão espiritual enevoada pela poeira da ignorância, o que, no mundo, é uma infelicidade como qualquer outra. Cabem, ainda, ao ofensor o pesadelo do arrependimento, o desgosto íntimo, o anseio de reequilíbrio e a frustração agravada pela certeza de haver lesado espiritualmente a si próprio.

Aos corações ofendidos resta unicamente um perigo — o perigo do ressentimento, que, aliás, não tem a menor

significação, quando trazemos a consciência pacificada no dever cumprido.

Entendendo isso, nunca respondas ao mal com o mal.

Considera que os ofensores são, quase sempre, companheiros obsessos ou desorientados, enfermos ou francamente infelizes, a quem não podemos atribuir responsabilidades maiores pelas condições difíceis em que se encontram.

Recomendou-nos Jesus: “Amai os vossos inimigos”.

A nosso ver, semelhante instrução, além de impelir-nos à virtude da tolerância, nos faz sentir que os ofendidos devem acautelar-se, usando a armadura do amor e da paciência, a fim de que não sofram os golpes mortais do ressentimento, de vez que os ofensores já carregam consigo o fogo do remorso e o fogo da reprovação.

(*Reformador*, jan. 1968, p. 8)

**Orai pelos que vos perseguem**<sup>20</sup>

O conselho de Jesus, no que se refere à oração pelos nossos perseguidores, não se baseia tão somente na lei universal da bondade para com os semelhantes.

Vai mais além. Fundamenta-se no princípio justo das correspondências.

O ódio, o crime, a calúnia segregam forças perniciosas e destrutivas. O perseguidor encarcera-se no abismo das inquietações; o criminoso, onde estiver, é prisioneiro da consciência, guardado pelo remorso, então transformado em sentinela vigilante; o caluniador envolve-se na peçonha dos próprios atos. Emitem pensamentos destruidores, como o pântano os elementos mortíferos.

Na lei das trocas, que rege todos os fenômenos da vida, os semelhantes atraem-se uns aos outros. Odiar aos que odeiam, retribuir o mal com o mal, seria abrir portas em nós mesmos à selvageria dos que nos convocam a suas furnas de trevas.

Alimentemos a chama benéfica que indique o caminho santo do bem,

mas evitemos o incêndio devastador que aniquila as possibilidades da vida. Contra a labareda criminosa do mal, façamos chover os pensamentos calmantes do bem.

Toda vez que a onda escura da perseguição nos procure envolver na luta digna, oremos e vigiemos. Encontrando-nos a resistência fraternal, voltarão os fios negros aos seus próprios autores, encasulando-os em sua obra.

Orai pelos que vos perseguem e caluniam, acendei a luz dos pensamentos nobres no círculo de sombras dos que vos tentam confundir, certos de que a maldade é o inferno dos maus e que cada Espírito carrega na vida o abismo tenebroso ou a montanha de luz, dentro de si mesmo.

*(Reformador, ago. 1944, p. 167)*

### **Orai pelos que vos perseguem**

Compadeciei-vos de quantos se consagram a instilar a peçonha da crueldade nos corações alheios, porque toda

perseguição nasce na alma desventurada que a invigilância entenebreceu.

Monstro invisível, senhoreando ideias e sentimentos, é qual fera à solta, transpirando veneno, a partir das próximas vítimas que transforma em carrascos.

Quase sempre, surge naqueles que vascolejam o lixo da maledicência, buscando o lodo da calúnia para as telas do crime, quando não se levanta do charco ignominioso da inveja para depredar ou ferir.

De qualquer modo, gera alienação e infortúnio naqueles que lhe albergam as sugestões, escurecendo-lhes o raciocínio, para arrebatá-los com segurança ao cárcere da agonia moral no inferno do desespero.

Ventania de lama, espalha correntes miasmáticas com o seu hálito de morte, agregando elementos de corrosão em todos os que lhe ofertem guarida.

É por isso que, ante os nossos perseguidores, é preciso acender a flama da caridade, a fim de que se nos não desvairem

os pensamentos, espancados de chofre.

Olhos e ouvidos empenhados à sombra dessa espécie é rendição ao desânimo e à delinquência, à deserção e à enfermidade.

Eis porque, Jesus, em seu amor e sabedoria, não nos inclinou a lutar contra semelhante fantasma, induzindo-nos à benção da compaixão, qual se fôssemos defrontados pela peste contagiente.

Assim pois, perseguidos, no mundo, mantende-vos constantes no trabalho do bem a realizar, e, ao invés do gládio da reação ou do choro inútil da queixa, aprendei cada dia, entre o perdão e o silêncio, a orar e esperar.

*(Reformador, out. 1958, p. 233)*

## **Amigos e inimigos**

O amigo é uma bênção.

O inimigo, entretanto, é também um auxílio, se nos dispomos a aproveitá-lo.

O companheiro enxerga os nossos

acertos, estimulando-nos na construção do melhor de que sejamos capazes.

O adversário identifica os nossos erros, impelindo-nos a suprimir a parte menos desejável de nossa vida.

O amigo se rejubila conosco, diante de pequeninos trechos de tarefa executada.

O inimigo nos aponta a extensão da obra que nos compete realizar.

O companheiro nos dá força.

O adversário nos mede a resistência.

Quem nos estima, frequentemente categoriza nossos sonhos por serviços feitos, tão só para induzir-nos a trabalhar.

Quem nos hostiliza, porém, não nos nega valor, porquanto não nos ignora, e, combatendo-nos, reconhece-nos a presença em ação.

Na fase deficitária de evolução que ainda nos caracteriza, precisamos do amigo que nos encoraja e do inimigo que nos observa. Sem o companheiro, estaremos sem apoio, e, sem o adversário, ser-nos-á indispensável

enorme elevação para não tombarmos em desequilíbrio. Isso porque o amigo traz a cooperação e o inimigo forma o teste.

Qualquer servidor de consciência tranquila se regozija com o amparo do companheiro, mas deve igualmente honrar-se com a crítica do adversário que o ajuda na solução dos problemas de reajuste.

Jesus foi peremptório em nos recomendando: “amai os vossos inimigos.” Saibamos agradecer a quem nos corrige as falhas, guardando-nos o passo em caminho melhor.

(*Reformador*, maio 1968, p. 114)

---

<sup>46</sup> Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Palavras de vida eterna*. Ed. Comunhão Espírita Cristã. Cap. 16.

<sup>47</sup> Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Bênção de paz*. Ed. GEEM. Cap. 9.

<sup>48</sup> Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Bênção de paz*. Ed. GEEM. Cap. 27, com pequenas alterações.

<sup>49</sup> Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Bênção de paz*. Ed. GEEM. Cap. 28, com pequenas alterações.

<sup>50</sup> Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Segue-me!... Ed. O Clarim. Cap. “Oposições”, com pequenas alterações.*

51 Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Instruments do tempo*. Ed. GEEM. Cap. Ante os adversários, com pequenas alterações.

52 Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Mais perto*. Ed. GEEM. Cap. Amando os inimigos, com pequenas alterações.

53 Vide nota 9, p. 27.

54 Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Marcas do caminho*. Ed. IDEAL. Cap. 25, com pequenas alterações.

55 Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Alma e coração*. Ed. Pensamento. Cap. 47, com pequenas alterações.

56 Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Coletânea do além*. Ed. LAKE. Cap. “Orai pelos que vos perseguem”.